



BIBLIOTECONOMIA SOCIAL: UMA VIRADA SOCIAL

Gabrielle Francinne de S. C. Tanus
Doutora e Mestra em Ciência da Informação.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(UFRN), Natal, do Rio Grande do Norte,
Brasil.

gabrielle.tanus@ufrn.br

<https://orcid.org/0000-0003-2463-7914>

“Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário.” Vladimir Lênin

A constituição da Biblioteconomia como um campo científico ocorreu no século XIX, em meio ao desenvolvimento das Ciências Sociais, das bibliotecas públicas no contexto anglo-saxônico, dos instrumentos de organização da informação (esquemas de catalogação e classificação produzidos no Norte-global), em meio ao desenvolvimento da criação de cursos de formação, instituições profissionais, entre diversos outros acontecimentos (LINARES COLUMBIÉ, 2004; TANUS, 2016). Sua história está intimamente ligada às bibliotecas, as quais também vêm passando por diversas transformações. Uma das maneiras esquemáticas ou mesmo didática de compreender as características que se sobressaem nos diferentes momentos históricos da Biblioteconomia se dá pela via dos paradigmas.

Tal palavra apresenta diversas concepções, tendo uma abertura e divulgação ainda maior com a obra de Thomas Kuhn, no livro “A estrutura das revoluções científicas”, publicado em 1962. De modo geral, o entendimento das ciências passa pelo compartilhamento de uma comunidade científica dos modelos, dos padrões, das normas que possibilitam uma integração das pessoas em torno de um “paradigma” que conformam uma dita “ciência normal”. Por meio desse entendimento, a presença de crises e anomalias conduzem a um estado de revolução que leva à instauração subsequente de um novo paradigma. Nesse movimento, o paradigma

anterior é substituído pelo novo que provoca novamente uma sensação de estabilidade de uma “ciência normal”, conforme qualificação de Kuhn (1962).

Tal desenvolvimento ou caminhar das ciências não se dá desse modo linear, sem embates, sem lutas, que são constantes, nem acontece pelas substituições que rompem e apagam o que foi construído anteriormente. Há que reforçar que o campo da Biblioteconomia é um campo científico, como bem escreveu Pierre Bourdieu observando as relações de força e de poder nos campos. Efetivamente, as Ciências Sociais não seguem essa rota tão propalada após a publicação desse livro que é um clássico das ciências. Sendo a Biblioteconomia uma ciência social esse desenho paradigmático de uma ciência “normal” não lhe é adequado. Outrossim, os modos de ver a história da Biblioteconomia pela lente dos paradigmas, estes com um feixe de forças de características que dão forma às práticas de um tempo, um conjunto de modos de aproximação pela via da integração do olhar, é promissor.

Ao percorrer a literatura científica da Biblioteconomia a influência e uso das noções de paradigmas podem ser encontradas em diversas produções¹. Importante perceber que os últimos paradigmas sinalizados, na visão de cada um dos autores (como preconiza também o entendimento kuhniano), são vistos como superação, como substituição do modelo anterior, que teria ficado no passado. Isso pode ser visto como um problema, pois, na ciência, os acontecimentos, as experiências são também acumulativos e modificadores de um saber-fazer, que não passa exclusivamente pela lógica do descartar, do abandono, para dar espaço a um novo. Inclusive não é de nosso interesse a substituição do paradigma mais recente à qual a Biblioteconomia estaria, conforme apresentados pelos autores supracitados.

Dentre os autores que trouxeram, mais recentemente, a lógica do paradigma para uma compreensão histórica e epistemológica da Biblioteconomia, destacamos, aqui, Chiara Faggiolani e Giovanni Solimine (2015), que usaram explicitamente

¹José Teixeira Coelho Netto (1996): paradigma do acervo e paradigma da informação. Edmir Perrotti e Ivete Pieruccini (2007): paradigma da conservação cultural; paradigma da difusão cultural; paradigma da apropriação cultural. Maria das Graças Targino (2009): paradigma da biblioteca tradicional e paradigma da ação cultural ou informacional/digital. Felipe Meneses Tello (2020): paradigma tradicional e paradigma político-social/includente.

“Biblioteconomia social” como um paradigma, no objetivo de formalizar este momento contemporâneo, que seria de substituição dos paradigmas anteriores: o paradigma da Biblioteconomia documental e o paradigma da Biblioteconomia e gestão. Para as autoras, a “Biblioteconomia social” se centra nas pessoas, e não mais nos objetos/documentos ou processos burocráticos. Segundo elas, no que diz respeito à qualidade do serviço, este não surge de maneira autorreferencial, isso porque o conceito de qualidade é sempre socialmente e historicamente construído. Além disso, o conceito satisfação do usuário com relação à missão institucional das bibliotecas contempla, também, em nível maior, o bem-estar dos indivíduos e o impacto que o atendimento a eles ajuda a gerar. Leva também em consideração a dimensão simbólica, experiencial, relacional e social para estar em sintonia com desenvolvimento de valores socialmente compartilhados, fazendo com que as bibliotecas reflitam melhor o espírito da época em que elas se encontram.

Então, a Biblioteconomia social - assim como biblioteconomia *tout court* - trata de todos os tipos de bibliotecas e não apenas de bibliotecas públicas ou escolares, como poderiam pensar algumas pessoas. É preciso estar atento às demandas, aos contextos, às mudanças e à inserção neste novo momento, observando todo o campo, que se lança com velocidades cada vez maiores; para tanto, o próprio desenvolvimento de pesquisas requer a apropriação de metodologias mais qualitativas e outros ferramentais teóricos, conceituais e metodológicos oriundos das Ciências Sociais e Humanas (FAGGIOLANI; SOLIMINE, 2015). Em resumo, a “Biblioteconomia social” busca junto com a ação reflexiva direcionar as práticas e os serviços das bibliotecas para atender às necessidades sociais, promover a justiça social, a igualdade, a equidade, o acesso à informação, a liberdade de expressão, visando contribuir para o desenvolvimento dos indivíduos e o bem-estar da comunidade em geral.

Ao voltarmos na palavra paradigma sabemos que ela porta inúmeros problemas, pois busca os enquadramentos, as delimitações, as definições, as substituições que não abarcam as complexidades e dinamicidades de uma ciência, ainda mais de uma Ciência Social. O mais interessante seria compreender esse social a partir de uma

"virada social" da Biblioteconomia, que envolve o movimento, em perceber o dinamismo das ciências, e também o imbricamento da dimensão social, econômica, política, cultural no campo. A construção da consciência acerca do sistema dominante que é opressivo e marcado por tantas violências e preconceitos, e isso deverá perpassar pela missão da Biblioteconomia em prol desse enfrentamento. Decerto, se foi preciso colocar o adjetivo "social" depois da palavra Biblioteconomia, para qualificá-la, isso demonstra a atenção que devemos ter justamente com o social que estaria latente (Esquecido? Apagado? Silenciado?), dentro das discussões e práticas biblioteconômicas mais transformadoras. Seriam tais intenções um foco mais político da própria Biblioteconomia em conservar a ordem marcada por injustiças sociais e privilégios de uma classe dominante? Oswaldo Almeida Júnior (2015) nos lembra que sim, tanto a Biblioteconomia quanto a Ciência da Informação, historicamente, repudiam o novo, grandes transformações, buscando manter as coisas como estão².

Como destaca Civallero (2013), a Biblioteconomia Social é uma abordagem de ação e reflexão, que requer afastamento das bases conservadoras e de discursos a favor da neutralidade, da impessoalidade, do conformismo. Para esse autor, cabe, portanto, ao profissional, questionar criticamente a realidade, revelando-se um sujeito consciente dos problemas da sociedade, desde uma perspectiva micro e macro (violações de direitos humanos, esgotamento dos recursos naturais, racismo, etarismo, capacitismo, classismo, violência de gênero, desinformação, problemas locais, pobreza, analfabetismo, exclusão social, censura etc.), de modo que os profissionais invistam em ações para contribuir com a resolução dos problemas, para

² Outrossim, a ausência de uma "Biblioteconomia Social" no ensino dificulta ainda mais uma apreciação objetivado que se entende por essa Biblioteconomia (MENESES-TELLO, 2020). Ademais, há, também, um uso incipiente dos termos Biblioteconomia social, crítica, progressista (para ficarmos nos mais conhecidos) na literatura acadêmica, como atestam os estudos de Tanus e Silva (2019), Mallmann e Felipe (2021) e Lobo e Valls (2022). Decerto, também sabemos que a realização de práticas transformadoras já vem ocorrendo no campo, sem que sejam nomeadas a partir de tais etiquetas. As ações, como sabemos, não devem ser dissociadas da reflexão, isto é, da *práxis* (FREIRE, 2016), consideramos inclusive a nomeação que é um ato político importante para o fortalecimento da Biblioteconomia.

que consigam, com isso, abrir caminhos para a mudança da realidade, isto é, para a construção de um outro mundo possível, justo, equitativo, democrático.

Por fim, os adjetivos para a Biblioteconomia são alguns dos muitos caminhos abertos e outros tantos ainda a serem construídos por uma Biblioteconomia socialmente responsável e construída por pessoas críticas e ativas nas suas comunidades. Tais adjetivações (social, crítica, progressista, radical, militante, negra, indígena, entre outros) revelam uma multiplicidade e complexidade teórica-epistemológica salutares para a própria Biblioteconomia. Ademais, uma “virada social” efetiva se revela como potência para o afastamento da longa trajetória da Biblioteconomia, marcada por um conservadorismo e uma alienação em relação aos múltiplos contextos, o que por tanto colaborou no processo de construção social marcado por acirradas assimetrias e violências. O “paradigma social” não se substitui, muito pelo contrário, ele, como marca de uma sociedade que o elaborou, precisa ser ainda mais desenvolvido, debatido e aplicado em comunhão com os profissionais da área. Em suma, a “virada social”, que se delinea, revela a potencialidade de uma mudança e um compromisso da Biblioteconomia em um outro espaço que não mais exclusivo da manutenção de uma ordem, em manter as coisas como estão. Por isso, é preciso acompanhar os movimentos, e girar, virando para o social, encantando-se com as pessoas e fortalecendo as comunidades.

Referências

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo. Conservadorismo e Revolução (ou Reformismo) na Biblioteconomia e na Ciência Da Informação. **Divers@Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 132-144, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/45052/27431>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CIVALLERO, Edgardo. Aproximación a la Bibliotecología progressista. **El profesional de la información**, Granada, marzo-abril, v. 22, n. 2, p.155-162, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.3145/epi.2013.mar.10>. Acesso em: 10 jun. 2023.

FAGGIOLANI, Chiara; GALLUZZI, Anna. L'identità percepita delle biblioteche: la biblioteconomia sociale e i suoi presupposti. **Bibliotime**, anno XVIII, n. 1, marzo, 2015. Disponível em: <https://www.aib.it/aib/sezioni/emr/bibttime/num-xviii-1/galluzzi.htm>. Acesso em: 10 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

KUHN, T. S. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: University of Chicago, 1962.

LINARES COLUMBIÉ, Radames. La Biotecnología y sus orígenes. **Ciencias de la información**, Havana, v. 35, n. 3, diciembre, 2004. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/60003>. Acesso em: 10 jun. 2023.

LOBO, M. S.; VALLS, V. M. Biblioteconomia social nas produções científicas nacionais: uma abordagem na indexação com a utilização dos termos biblioteconomia progressista e nova biblioteconomia. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 27, n. 3, p. 1-29, 2022. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1876>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MENESES TELLO, Felipe. Bibliotecas y justicia social: el paradigma político-social de la Biblioteca Inclusiva y la Biblioteca Incluyente. **Folha de Rosto: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Juazeiro do Norte**, v. 6, n. 3, p. 54-77, set./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46902/2020n3p54-77>. Acesso em: 10 jun. 2023.

TANUS, G. F. A constituição da biblioteconomia científica: um olhar histórico. RDBCI: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 217-231, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v14i2.8643878>. Acesso em: 10 jun. 2023.

TANUS, G. F. S. C.; SILVA, D. C. Biblioteconomia social, crítica e progressista. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, v. 3 n. 1, v. 3, n. 1, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2447-0198.2019v3n0ID18371>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Dados biográficos da autora



Gabrielle Francinne de S. C. Tanus é professora adjunta do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora e Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Líder do grupo de pesquisa "Estudos críticos em Biblioteconomia e Ciência da Informação" cadastrado no CNPq. Trabalhou como bibliotecária no Sistema de Bibliotecas da UFMG.

gabrielle.tanus@ufrn.br

<https://orcid.org/0000-0003-2463-7914>

Como citar

TANUS, Gabrielle Francinne de S. C. Biblioteconomia Social: uma virada social.



Ciência da Informação Express

ISSN 2675-8717

Ciência da Informação Express, Lavras, v. 4, p. 1-6, 14 jun. 2023.